

Bandeira do livro
a ela dedicados, ou do volume organizado por Melvyn A. Hill, **Hannah Arendt: The Recovery of the Public World** (N. York: St. Martin's Press, 1979) e do livro de Stephen H. Whitfield, **Into the Dark — Hannah Arendt and Totalitarianism** (Philadelphia: Temple University, 1980).

Contribuiu também para a fortuna crítica de Hannah Arendt a publicação póstuma de dois livros: **The Jew as Pariah** (N. York: Grove Press, 1978) e **The Life of the Mind** — 2 vols. (N. York: Harcourt, Brace Jovanovich, 1978).

O primeiro é uma coletânea de trabalhos sobre temas judaicos relacionados com a política no mundo moderno, escritos entre 1942 e 1966, selecionados e apresentados por Ron H. Feldman. A visão de conjunto destes trabalhos, que o volume organizado por Feldman propicia, foi e é importante para a compreensão da obra de Hannah Arendt. De fato, estes trabalhos ajudam o entendimento do significado da reflexão de Hannah Arendt sobre as relações entre o anti-semitismo, os judeus e o mundo moderno, que é um dos temas centrais de **The Origins of Totalitarianism** e que encontrou um desdobramento no seu polêmico livro, **Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil**, publicado em 1963, revisto e ampliado em 1965 (N. York: Viking Press, 1965).

The Jew as Pariah é também importante, como procurei mostrar em outra oportunidade, no esclarecimento da raiz subjetiva da proposta básica de Hannah Arendt, pois entendo que o particularismo de sua experiência de judia alemã, diante do nazismo, traduziu-se na mensagem universal da liberdade.³ A liberdade, como ela articulou tão claramente em **The Human Condition**, só pode ser exercida mediante a recuperação e a reafirmação do mundo público, que permite a identidade individual através da palavra viva e da ação vivida, no contexto de uma comunidade política criativa e criadora.

The Life of the Mind, embora também ligado às suas raízes, tem outro significado: representa, por assim dizer, um sábio e longamente meditado acerto de contas de Hannah Arendt com a filosofia, que foi o seu ponto-de-partida; como ela mesmo disse numa carta a Gershom Sholem a propósito da polêmica suscitada pelo livro **Eichmann in Jerusalem**: «If I can be said to «have come from

3. Cf. Celso Lafer, *Hannah Arendt — Pensamento, Persuasão e Poder*, Rio: Paz e Terra, 1979, pp. 39-53.

anywhere», it is from the tradition of German Philosophy». ⁴ Neste livro póstumo e incompleto — editorado por Mary Mac Carthy, com base no texto das «Gifford Lectures» proferidas em Aberdeen, Escócia, em 1973 e 1974 — Hannah Arendt tratou do pensar e do querer, não tendo ultimado as suas reflexões sobre o julgar.

O pensar, o querer e o julgar são três atividades mentais básicas, cuja análise, segundo Hannah Arendt, permitiria a compreensão da existência racional. Fiel às suas origens filosóficas, porém sem a estrutura sistemática do criticismo, **The Life of the Mind** tem a intenção de repropôr, em termos contemporâneos, algo como as três críticas de Kant: a da razão pura, a da razão prática e a do juízo. Um estudioso de Hannah Arendt, Kent F. Moors, chega até a afirmar que, mesmo incompleto, este livro só tem um rival na história da filosofia: as três críticas de Kant.⁵

No contexto deste trabalho, não cabe discutir esta assertiva por meio de uma avaliação mais detida do testamento filosófico de Hannah Arendt, que entre nós foi objeto de análise por parte de Tércio Sampaio Ferraz Jr. e Gérard Lebrun, e que eu próprio tentei estudar em outra oportunidade.⁶ Não há dúvida, no entanto, como foi dito em recente resenha do livro no **Le Monde**, de que se trata de uma destas «grandes oeuvres, dont on ne peut se débarrasser d'un simple geste.»⁷

Na obra de Hannah Arendt, o contraponto a **The Life of the Mind**, que lida com a vida contemplativa, é **The Human Condition**, que examina a vida activa e que, por sua vez, é, como adiante se verificará com mais cuidado, um desdobramento de inquietações

4. Hannah Arendt, *The Jew as Pariah* (editeb with an introduction by Ron H. Feldman), N. York: Grove Press, 1978, pp. 245-246.

5. Cf. Kent F. Moors, «Modernity and Human Initiative: The Structure of Hannah Arendt's Life of the Mind» in *The Political Science Reviewer*, vol. X (Fall 1980), pp. 181-230. A afirmação se encontra na p. 193.

6. Tércio Sampaio Ferraz Jr., «A vida da mente: um tema fascinante» in *Jornal da Tarde*, 21/10/78, p. 14; Gérard Lebrun, «Hannah Arendt: um Testamento Socrático» in Suplemento Cultural de *O Estado de São Paulo*, ano II nº 76, 22/11/1981, pp. 2-3; Celso Lafer, *Hannah Arendt — Pensamento, Persuasão e Poder*, cit., pp. 81-127.

7. Christian Delacampagne, «Le Testament d'Hannah Arendt» in *Le Monde*, Vendredi, 4 Décembre 1981.